

Dimensões éticas e metodológicas de uma pesquisa com (e sobre) crianças na pré-escola: reflexões, tensões e perspectivas investigativas

Ethical and methodological dimensions of a research project with (and on) preschool children: reflections, tensions, and investigative perspectives

Lisiane Rossatto Tebaldi¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

lisianetebaldi@hotmail.com

Rodrigo Saballa de Carvalho²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

rsaballa@terra.com.br

Resumo: A partir do campo dos Estudos Sociais da Infância, o objetivo do artigo é discutir as dimensões éticas e metodológicas (ALDERSON, 2007; CLARK, 2017; FERNANDES e MARCHI, 2020) de uma pesquisa com (e sobre) crianças na pré-escola. Metodologicamente, a materialidade investigativa é constituída das discussões éticas emergentes de um estudo a respeito da produção de narrativas orais, em contextos de mediação, por um grupo de crianças de cinco anos de idade. Mediante a análise das reflexões do diário de campo, decorrentes da investigação, foram definidas duas unidades: a) ética, presença e escuta do adulto: o exercício de estar com as crianças; e b) a participação das crianças na pesquisa: os meandros das discussões metodológicas. Com base nas análises, destacaram-se como resultados do estudo que, em uma pesquisa com crianças: a) a ética precede as escolhas metodológicas; b) há imprescindibilidade da escuta, da reflexividade e da alteridade do pesquisador.

Palavras-chave: ética; pesquisa com crianças; educação infantil

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Abstract: From the field of Social Studies of Childhood, this article aims to discuss the ethical and methodological dimensions (ALDERSON, 2007; CLARK, 2017; FERNANDES e MARCHI, 2020) of a research project with (and on) preschool children. Methodologically, the research evidence consists of the ethical discussions emerging from a study on the production of oral narratives, in mediated contexts, by a group of 5-year-old children. Through the analysis of the reflections present in the researcher's field diary, resulting from the investigation, two units were defined: a) adult's ethics, presence and listening: the exercise of being with children; and b) children's participation in the research: the intricacies of methodological discussions. Based on the analysis, the study results highlighted that, in research with children: a) ethics precedes methodological choices; b) listening, reflexivity and alterity on the part of the researcher is essential.

Keywords: ethics; research with children; early childhood education

Considerações iniciais

A investigação com crianças supõe uma imagem de criança competente, produtora de cultura, situada em determinado contexto histórico, geográfico e social. Esse reconhecimento da criança como cidadã de direitos teve como marco inicial a Convenção sobre os Direitos das Crianças (CDC), promulgada em 1989 pela Organização das Nações Unidas (ONU), a qual assegura às crianças os direitos de proteção, provisão e participação. Nesse âmbito, destacamos em especial o direito à participação, conforme o Artigo 12, que defende o direito de as crianças se expressarem livremente e serem ouvidas nos assuntos que lhes dizem respeito (UN, 2009). O referido direito se encontra em consonância com os pressupostos de uma pesquisa com crianças, pois a consolidação desse novo paradigma propiciou a participação de crianças em pesquisas desenvolvidas no campo dos Estudos Sociais da Infância (BARBOSA et al., 2016), intensificando, nas últimas décadas, o debate sobre a ética em pesquisas com crianças.

Consideramos que têm se tornado cada vez mais emergentes as discussões teóricas e metodológicas acerca da complexidade envolvida nas investigações com crianças, bem como das questões éticas imbricadas nesse processo. Em tal direção, argumentamos que a dimensão ética é uma opção política e deve estar presente em todas as etapas do percurso investigativo desde a concepção, na execução, nas escolhas e nas negociações realizadas no decorrer do percurso, até a escrita do relatório final e a divulgação dos resultados (BARBOSA, 2014; CLARK, 2017; MACHADO e CARVALHO, 2020). Dessa maneira, é importante considerar um modo ético de “estar com” as crianças fundado em um exercício constante de respeito, reflexividade e alteridade, uma vez que, para garantir a participação delas nas pesquisas, é primordial saber escutá-las (ALDERSON, 2005; VASCONCELOS, 2016).

Mediante o exposto, entendemos que estar em campo com as crianças envolve pesquisadores e pesquisados produzindo uma experiência de “estar com”, de compartilhamento de ideias, situações vivenciadas, sentidos e significados (BARBOSA, 2014; ROSA e FERREIRA, 2019). Assim, é

imprescindível reconhecermos que a pesquisa em Ciências Humanas vai além da ética de normas e de princípios. A pesquisa precisa estar ancorada na ética de relação, a partir de um contínuo exercício de alteridade.

No horizonte traçado por esses argumentos introdutórios, neste artigo temos como objetivo discutir as questões éticas e metodológicas que permearam uma investigação realizada com crianças (TEBALDI, 2020). O estudo constituiu uma pesquisa³ cujo objetivo foi estudar a produção das narrativas orais (SMITH, 2006; CAMPOS e GIRARDELLO, 2015; SOUZA, 2015) de crianças da pré-escola por meio das performances narrativas (HARTMANN, 2015), da mediação literária (CARDOSO, 2014) e da interface entre brincadeira e letramento (ROSKOS e CHRISTIE, 2009; SAWYER, 2011; WAJSKOP, 2017).

O referido estudo considerou, em todas as etapas, as especificidades de uma pesquisa com e sobre crianças. Metodologicamente, configurou-se como uma investigação etnográfico-propositiva (HARTMANN, 2015) de abordagem multimetodológica (FERREIRA, 2004; CLARK, 2017), realizada no decorrer de um semestre, envolvendo sete crianças que frequentavam a pré-escola em uma instituição de ensino da rede privada localizada no Rio Grande do Sul. A opção metodológica por trabalhar com um pequeno grupo de crianças ancorou-se tanto em pesquisas que fundamentaram nosso estudo (ARAÚJO, 2009; VIEIRA, 2015) quanto no intuito de estabelecer uma relação mais próxima com as crianças, tendo em vista a promoção de espaços de produção de narrativas.

Para a geração de dados, foram desenvolvidas 20 sessões, denominadas Ateliês Narrativos, durante os quais as crianças produziram suas próprias narrativas, individuais ou coletivas. Os Ateliês Narrativos foram organizados em três etapas⁴ – Experimentação, Exploração e Produção de Narrativas –, tendo em conta as nossas intencionalidades. As estratégias de geração de dados utilizadas foram compostas por observação, escrita em diário de campo, filmagens, rodas de conversa, contação e leitura de histórias, exploração de adereços, atividades lúdico-expressivas e recolha de artefatos, como os desenhos e as narrativas orais dos(as) participantes. Todas as sessões foram filmadas e decupadas para análise.

Na investigação, a meta foi analisar os processos de produção das narrativas orais através das performances corporais e vocais expressas pelas crianças; identificar o modo como as mediações contribuem para a produção das narrativas orais das crianças; e distinguir, com fundamento nos referenciais teóricos estudados e na análise dos dados gerados, a inter-relação entre a brincadeira e o letramento no âmbito pré-escolar. Ainda, objetivamos contribuir para as discussões acerca da importância de um trabalho com ênfase na produção das narrativas orais na pré-escola a partir de práticas pedagógicas intencionalmente planejadas e continuamente vivenciadas pelas crianças, conforme salientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (MEC, 2009), pela Base Nacional Comum Curricular (MEC, 2018) e pelo Referencial Curricular Gaúcho da Educação Infantil (RS, 2018).

³ Esclarecemos que, embora o artigo tenha sido escrito em coautoria, o trabalho de campo foi realizado apenas por um dos pesquisadores. Desse modo, quando mencionarmos “pesquisadora”, estaremos nos referindo à responsável pelo trabalho de campo.

⁴ A intencionalidade de cada uma das etapas dos Ateliês Narrativos será explicitada na quarta seção deste artigo.

A leitura dos dados gerados com a investigação possibilitou a definição de três unidades de análise: a) as performances narrativas; b) as mediações, tanto as protagonizadas entre as crianças quanto as planejadas pela pesquisadora; e c) as narrativas das crianças. Dessa forma, foi possível inferir a importância de garantir, no contexto da Educação Infantil, oportunidades para a produção de narrativas orais, pois a criação de histórias propicia que as crianças gerem um processo criativo marcado pela performance e pela construção de conhecimentos linguísticos, os quais contribuem para o desenvolvimento da escuta, da fala, do pensamento e da imaginação.

Após essa breve contextualização do estudo realizado, cabe informar que o artigo está organizado em cinco seções. De modo intencional, abordaremos inicialmente as questões éticas, seguidas dos aspectos metodológicos da pesquisa, dado que assumimos a perspectiva de que a ética precede a metodologia. Assim, após esta seção introdutória, versaremos, na segunda seção, sobre discussões teóricas contemporâneas acerca da ética e da pesquisa com crianças. Na terceira seção, apresentaremos os processos de negociação envolvendo a participação das crianças, a entrada em campo da pesquisadora, o modo como ocorreu o consentimento dos responsáveis, o assentimento e o engajamento das crianças participantes, além da reflexividade e da alteridade da pesquisadora, evidenciando a ética que permeou o estudo. Na quarta seção, serão compartilhadas as estratégias para a geração de dados. Por fim, na última seção do artigo, discutiremos sobre as reflexões e as aprendizagens decorrentes da pesquisa com as crianças.

Pesquisa com crianças: das abordagens participativas à sensibilidade do pesquisador

As discussões no campo dos Estudos Sociais da Infância têm realçado as crianças como participantes ativos nas pesquisas acerca dos modos de viver a infância e de ser criança. Sob esse ângulo, destacamos que há um crescente compromisso em evidenciar os pontos de vista das crianças sobre temas que são importantes para elas (SALGADO e MÜLLER, 2015; FERNANDES e MARCHI, 2020). Como alega Paula (2012, p. 232), “se queremos entender as crianças [...] nada melhor do que indagar delas próprias. Porém, devemos fazer isto respeitando a sua especificidade infantil e realmente estabelecendo uma relação de diálogo e escuta” com elas. Assim, uma investigação envolvendo crianças requer ir além do que é audível, perceber os mundos não falados, ouvir o que elas não respondem, em uma perspectiva de respeito por suas vozes, refletindo sobre as complexidades que circundam o que dizem. Essa reflexividade (SALGADO e MÜLLER, 2015) por parte do pesquisador concede credibilidade às crianças como atores centrais da investigação.

Pensar eticamente uma pesquisa com crianças significa considerá-las sujeitos de direitos, com protagonismo e ação social (BARBOSA, 2014), coprodutoras da pesquisa (ALDERSON, 2005), reconhecendo sua competência (ALDERSON, 2007; CLARK, 2017) em uma abordagem colaborativa. Desse modo, no decorrer da pesquisa, procuramos sempre escutar e validar o que elas expressaram, dando a conhecer à comunidade científica os pontos de vista infantis sobre a investigação empreendida, uma vez que concebemos as crianças como sujeitos “autônomos, com elaborações próprias a respeito do mundo” (SOUZA, 2014, p. 49).

Nossa premissa, enquanto pesquisadores, não se restringiu a “dar voz às crianças”, expressão comumente empregada no campo da Educação Infantil, pois acreditamos que as crianças têm contribuições relevantes a serem compartilhadas. Entendemos que as crianças têm voz e, portanto, devem ser consideradas, ouvidas e reconhecidas enquanto atores sociais. Nessa perspectiva, escutar as crianças é um processo que demanda disponibilidade e empatia por parte dos adultos. Escutar as crianças é perceber além do que elas expressam através da fala, é estar atento aos seus gestos, posturas, e também silêncios.

Além disso, é importante atentar para os aspectos legais que envolvem as investigações com crianças decorrentes das Resoluções n.º 196/96, 466/12 e 510/16, do Ministério da Saúde, as quais destacam a necessidade de obtenção do Termo de Anuência da instituição coparticipante, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos pais ou responsáveis, do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) das crianças maiores de três anos, bem como o encaminhamento do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pela Plataforma Brasil. Outro aspecto a ressaltar é o cuidado na elaboração do TALE para as crianças, pois, em nossa aceção, é preciso garantir que elas o compreendam, utilizando termos que evidenciem as linguagens infantis. Desse modo, em nosso grupo de pesquisas, nos últimos anos, há o cuidado de elaborar termos ilustrados expressos por meio de histórias em quadrinhos ou de livros infantis, buscando assim promover o entendimento das crianças participantes das pesquisas. Cabe também apontar a relevância do consentimento não apenas por parte dos adultos responsáveis, mas especialmente a anuência das crianças à sua participação e envolvimento durante a investigação empreendida expressa através do TALE.

A obtenção do assentimento por parte das crianças depende da relação de confiança estabelecida com o pesquisador, tendo em vista que as relações em campo são permeadas por dinamicidade, fluidez e uma constante negociação, pois “[...] a intersubjetividade construída entre o pesquisador e as crianças é sempre relativa, aproximada e imprecisa” (FERREIRA, 2010, p. 179). Nesse âmbito, Fernandes (2016, p. 766) pontua que “o consentimento informado tem sido um dos aspectos éticos mais intensamente discutido nos últimos tempos”.

Reafirmamos, assim, a pertinência do assentimento das crianças quanto à sua participação na pesquisa, uma vez que, segundo Vasconcelos (2016), as crianças se encontram em dupla situação de vulnerabilidade: são crianças e são sujeitos e instrumentos da investigação. Por isso, faz-se necessário um cuidado redobrado, já que “a relação de poder adulto-criança é obviamente desigual [...]” (VASCONCELOS, 2016, p. 112). Corroborando o exposto, Ferreira (2010, p. 154) salienta “a importância de obter a permissão das crianças de um modo compreensivo e contextualizado ao longo da pesquisa”. Essa negociação envolve um processo dialógico, um esforço continuado de aproximação, reiterando a liberdade dos(as) participantes em rever a sua decisão de fazer parte da pesquisa a qualquer momento.

Destacamos que as investigações com crianças são portadoras de pluralidade e complexidade, exigindo um cuidado permanente de construção e reconstrução das relações éticas entre os pesquisadores e as crianças durante a investigação. De acordo com Fernandes (2016, p. 764), “em qualquer processo de pesquisa o que deve prevalecer, sobre qualquer outro princípio, é o respeito pela criança e pelas especificidades que a caracterizam ontologicamente”, incluindo o desejo de participar ou não da pesquisa. Tal decisão “implica

transmitir de forma clara, precisa e oportuna todas as informações do projeto e aceitar a decisão da criança de participar ou não da investigação” (BARRETO, 2011, p. 644, tradução nossa). Sob essa ótica, é importante reafirmar a constante reflexividade dos pesquisadores no decurso da investigação, posto que “os protocolos, tal como os procedimentos, não são fixos, mas sim permanentemente ativos e renegociados” (FERNANDES, 2016, p. 766), devendo-se sempre considerar a complexidade das relações entre as crianças, os adultos e o contexto da pesquisa.

Além da negociação contínua (GRAUE e WALSH, 2003; FERREIRA, 2010; VASCONCELOS, 2016) sobre a participação da criança no processo de investigação, outro aspecto que defendemos é a produção de “relatos respeitosos, complexos e sensíveis das experiências com as crianças” (GRAUE e WALSH, 2003, p. 101), uma vez que, enquanto investigadores, nos tornamos responsáveis pelas crianças participantes e pelo cuidado ético imbricado nesse relacionamento. Corroborando o exposto, Fernandes (2016, p. 769) declara que “a ética é também importante nos momentos de análise e interpretação dos dados”. A autora enfatiza o cuidado que se deve ter com a “utilização dada ao material recolhido durante o processo de investigação [...] para proteger o anonimato e a confidencialidade dos informantes” (FERNANDES, 2016, p. 765).

Assim, dar autoria às crianças implica nos “aventurarmos para fora do que nos é reconhecível e sustentarmos como investigadores, a autoria composta entre nós adultos e crianças” (DORNELLES e FERNANDES, 2015, p. 73). Nesse entendimento, destacamos também que “a vontade de tornar a criança protagonista da pesquisa não deve levar o pesquisador ou a pesquisadora a se apagar enquanto pessoa que detém um conhecimento” (CAMPOS, 2008, p. 41) acerca do tema. Por conta disso, deve-se reconhecer a mediação do adulto, na posição de pesquisador, no processo de dar visibilidade às perspectivas e contribuições das crianças, articulando-as com os referenciais teóricos que fundamentam o estudo.

Desse modo, reiteramos a relevância da sensibilidade ética do pesquisador, pois o respeito, a proximidade, a negociação, a alteridade e a confiança são conceitos-chave em uma investigação com crianças. Conforme Barbosa (2014, p. 244), é crucial “ser receptivo, responsivo, atento, disponível, sem ser intrusivo, tendo a atenção ao clima emocional e, mantendo a serenidade para estabelecer uma relação de confiança com os meninos e meninas participantes dos projetos de pesquisa”.

Prosseguindo a discussão, na próxima seção abordaremos os processos de consentimento e assentimento, bem como as negociações que permearam a investigação com as crianças.

Ética, presença e escuta do adulto: o exercício de estar com as crianças

Desenvolver uma pesquisa com crianças requer a “criação de condições para que as crianças exerçam o seu direito de decidir se querem participar de uma investigação, em que medida e de que forma” (BARRETO, 2011, p. 644, tradução nossa). Assim, em nossa acepção, enquanto pesquisadores, durante a investigação, consideramos que não bastava “estar lá”, era necessário “estar com” (VASCONCELOS, 2016) as crianças em campo e prestar muita atenção às nuances que o *com* delineia (MACEDO e FLORES, 2012).

Tínhamos clareza de que seria “necessário obter permissão, permissão essa que [iria] além da que é dada sob formas de consentimento” (GRAUE e WALSH, 2003, p. 76). A reflexividade e a negociação com as crianças esteve presente em todos os momentos da investigação, ou seja, da entrada em campo à devolutiva da pesquisa às crianças e seus familiares. Em tal perspectiva, argumentamos que os pesquisadores devem “ter a humildade de pedir continuamente permissão” (GRAUE e WALSH, 2003, p. 124) para estar em campo com as crianças, pois este é um princípio fundamental para garantir a participação, a vinculação espontânea e a motivação permanente delas (BARRETO, 2011, tradução nossa) no processo investigativo.

Dessa maneira, antes de obter a anuência por parte da instituição para a realização da pesquisa, certificamo-nos de que todos os encaminhamentos previstos nas resoluções legais haviam sido efetivados. O próximo passo foi apresentar à professora da turma o projeto de pesquisa, as obras de literatura infantil e os adereços produzidos para os Ateliês Narrativos, a fim de obter também a sua autorização e, principalmente, combinar com ela o melhor momento para a entrada em campo. O diálogo culminou com a organização de um cronograma com o intuito de minimizar os transtornos decorrentes da presença de uma estranha na turma, tanto durante o período de observação das crianças como com as saídas dos(as) participantes para o desenvolvimento da pesquisa.

A entrada em campo para observação das crianças foi essencial para conhecer e respeitar as regras de interação do contexto da pesquisa e, com respeito, “estabelecer relações de proximidade e confiança com as crianças desenvolvendo uma escuta sensível para os modos de expressão infantil e um olhar acolhedor para as diferentes formas a partir das quais as crianças partilham suas vidas” (MACHADO e CARVALHO, 2020, p. 161). Conforme Menezes (2012, p. 187), “o processo de aceitação e de confiança entre as crianças e [a] pesquisadora, [...] [é] construído individualmente e de forma plural”, como evidenciaremos nos episódios a seguir, que explicitam os diferentes modos de aproximação das crianças e os vínculos que foram sendo construídos durante o período de observação.

Era meu primeiro dia em campo. Já havia feito minha apresentação na roda e, nesse instante, estava acompanhando a turma no deslocamento pelo pátio da escola. Carlos⁵, que já havia intencionalmente sentado ao meu lado, de mãos dadas comigo, era meu fiel escudeiro, apresentava-me cada lugar por onde passávamos, falando também sobre suas preferências.

Carlos: — Olha, ali é a Praça do Bosque. Aqui fica a Igreja. Minha cor preferida é laranja e verde. Esta árvore foi plantada aqui há muito tempo. Hoje minha mãe fez bolo. Olha essa semente, que bonita! Tu guarda para mim? (Diário de Campo, agosto de 2019)

Os gestos de sentar-se ao lado da pesquisadora na roda, segurar sua mão, apresentar os espaços da escola e de entregar a semente para ser guardada demonstram a acolhida e o quanto Carlos se sentiu à vontade desde o princípio. Por outro lado, Everton necessitou de um tempo maior para aproximar-se e estabelecer

⁵ Informamos que os nomes são fictícios e foram escolhidos pelas próprias crianças participantes.

um diálogo com a pesquisadora, porém expressou seu interesse por meio do olhar curioso, sempre atento, acompanhando os movimentos da visitante, conforme compartilhado no episódio a seguir:

Quando a professora iniciou a fala, fui discretamente para trás do grupo: as crianças estavam sentadas em bancos à minha frente. Para minha surpresa, Everton me procurava o tempo todo com o olhar. Senti-me acolhida por esse gesto, pelo olhar perscrutador que expressava um misto de interesse e de curiosidade. Logo sussurrou à colega que estava ao seu lado, encarando-me com seus olhos arregalados:

Everton: — Agora ela está aqui atrás!

Desse modo, entre olhares, sorrisos e conversas, fomos nos conhecendo e nos aproximando, cada criança em seu tempo e a seu modo. (Diário de Campo, agosto de 2019)

Com efeito, diferentemente de Everton, Maria Fernanda utilizou-se do jogo simbólico para aproximar-se e iniciar um diálogo. A menina estava ausente no primeiro dia da entrada em campo, portanto desconhecia os motivos da presença da pesquisadora em sua sala. O episódio a seguir evidencia a estratégia de aproximação da menina:

Enquanto eu observava a brincadeira de um grupo de crianças, percebi que estava sendo observada pela Maria Fernanda. Passados alguns minutos, observei que ela se afastou do grupo e se dirigiu até o fogão e a pia [mobiliários do jogo simbólico]. Lá começou a procurar alguns apetrechos para preparar uma comida. Voltei novamente minha atenção à brincadeira do grupo, pois imaginei que ela estivesse preparando algo para as “filhinhas”. Qual foi minha surpresa quando, de repente, Maria Fernanda parou em minha frente e delicadamente disse:

Maria Fernanda: — Ó, o teu *sundae*.

Rapidamente larguei minha caderneta de anotações, peguei o *sundae* e disse:

Pesquisadora: — Uau! Adoro *sundae*! Obrigada!

Imediatamente, ela abriu um largo sorriso. Pediu meu celular para fazer uma foto e voltou a brincar com os colegas. E eu fiquei com um delicioso *sundae* para saborear! Minutos depois, ela se dirigiu novamente até a “cozinha”, veio até a mim e fez de conta que despejou algo sobre o meu *sundae*. Nesse instante, disse:

Maria Fernanda: — Um molhinho para ficar mais gostoso.

Novamente agradei a gentileza. Em seguida, ela me interpelou com grande interesse:

Maria Fernanda: — O que tu tá fazendo aqui?

Enquanto eu conversava com ela, explicando-lhe o motivo de estar observando o grupo, Helen, Bruce e Ana também se aproximaram e iam contando a ela o que eu estava fazendo. (Diário de Campo, agosto de 2019)

Certamente, “chegar, conviver e retornar ao campo são etapas complexas da pesquisa que, reservadas suas singularidades, guardam na complexidade do encontro com as crianças movimentos próximos que exigem do pesquisador a explicitação dos motivos de sua presença” (MACEDO e FLORES, 2012, p. 50), além da conquista do espaço, da concordância, da parceria e da cumplicidade das crianças pela via do afeto. Desse modo, a entrada em campo é considerada uma das etapas mais delicadas, importantes e decisivas de todo o processo investigativo (MACEDO e FLORES, 2012). Por isso, conforme ficava evidenciado o desejo de cada uma das crianças em participar da pesquisa de campo, houve uma conversa individual, procurando explicar melhor a etapa seguinte da pesquisa, contando sobre as proposições dos Ateliês Narrativos, onde, como e quando aconteceriam os encontros, quais colegas participariam, e esclarecendo as dúvidas emergentes.

Assim, paulatinamente, foram se estabelecendo laços de confiança e sendo constituído o grupo com os sete participantes. Cabe explicitarmos que os critérios vislumbrados para a constituição do grupo pautaram-se justamente na importância de as crianças se sentirem à vontade na presença da pesquisadora, além de demonstrarem interesse em participar da pesquisa.

Ao término do período de observação, a partir dos vínculos estabelecidos entre as crianças e a pesquisadora, foram realizadas as reuniões com cada uma das famílias para a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e da Autorização de Uso de Imagem, Voz e Respectiva Cessão de Direitos por parte dos pais ou responsáveis. Em cada ocasião, também foi apresentado aos familiares o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) a ser firmado pelas crianças, no intuito de esclarecer que, mesmo tendo a autorização dos pais e da própria criança, a qualquer momento da investigação as crianças teriam a liberdade de escolher não participar e que isso seria respeitado.

Diante do exposto, os pais questionaram se haveria algo que poderiam fazer, pois estavam desejosos de que o(a) filho(a) participasse até o final do estudo. Foi reiterado que essa decisão não caberia a eles, nem à pesquisadora, e que seria negociada a cada encontro com as próprias crianças, de modo relacional e respeitoso. Como afirma Pereira (2012, p. 81), “a concordância dos responsáveis e das instituições, ainda que legal e eticamente necessária, não pode substituir a concordância a ser dada pelas crianças em participar da pesquisa”. Como Pereira (2012, p. 80), entendemos que “a concordância primeira de participação precisa ser a da criança – porque do lugar que ela ocupa na pesquisa, ninguém pode firmar esse compromisso em nome dela”.

Nesse sentido, estar e escutar as crianças durante a investigação tornou-se um processo ativo de comunicação que envolveu ouvir, negociar, interpretar, construir significados, estar aberto aos outros, incluindo não somente os fatos, mas acolhendo e validando os pontos de vista e as decisões das crianças, pois “os métodos participativos envolvem uma humildade epistemológica que valoriza as narrativas dos outros” (CLARK, 2010, p. 237, tradução nossa). A tabela a seguir apresenta a adesão das crianças nas 20 sessões dos Ateliês Narrativos:

Participação das crianças nos Ateliês Narrativos

Ateliês Crianças	Experimentação						Exploração						Produção de Narrativas						Encerramento	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Ausentes		1		1		1	1	2		3	2	1	2			1	2	1		
Decidiram não participar					1						1		1							
Total	7	6	7	6	6	6	6	5	7	4	4	6	4	7	7	6	5	6	7	7

Fonte: Diário de Campo, 2018

Ao analisarmos os dados apresentados, é visível o engajamento dos(as) participantes em todas as etapas dos Ateliês Narrativos. Em apenas três ocasiões, uma das crianças comunicou que não desejava participar do encontro. Na primeira vez, foi Neimar, que, ao chegar na sala onde era realizada a sessão, avisou que não queria ficar, visto que preferia retornar à sala de aula, e assim o fez. Na segunda ocasião, Maria Fernanda, após ter participado dos momentos iniciais e expressado sua narrativa, percebendo que os colegas estavam se delongando em suas falas, disse que estava cansada e que, por isso, gostaria de ir para a sala, o que prontamente se concretizou. Carlos foi a terceira criança que comunicou o desejo de não participar de uma das sessões, esclarecendo à pesquisadora que permaneceria na sua sala com a professora.

A esse respeito, consideramos importante pontuar que, em alguns momentos, a criança participante não manifestou diretamente o desejo de retornar para a turma, mas optava por se retirar do grupo por alguns instantes, virando de costas para a roda ou dirigindo-se para um outro espaço do amplo ambiente onde eram realizadas as sessões. Nessas situações, a criança ficava afastada observando a brincadeira ou as narrativas dos colegas, retornando à cena conforme seu desejo, algum tempo depois. Portanto, reiteramos a imprescindibilidade da discussão ética na pesquisa com crianças, posto que ouvir as crianças e conhecer seus modos de ser requer dos pesquisadores uma escuta atenta e sensível, uma atitude reflexiva, uma postura respeitosa e responsável (TEBALDI et al., 2019), em um exercício constante de alteridade.

Prosseguindo a discussão, na próxima seção apresentaremos os meandros das discussões metodológicas.

A participação das crianças na pesquisa: os meandros das discussões metodológicas

As discussões éticas e metodológicas que fundamentam este artigo evidenciam que estar com as crianças e conhecer suas especificidades e seus modos de ser e estar no mundo requer uma postura ética, atenta e respeitosa aos contextos de vida coletiva das crianças participantes. Considerando essa perspectiva, foi necessário observar, de perto e sistematicamente, as crianças em seus contextos locais, focar nas “particularidades concretas” de suas vidas e registrar tudo ao mais ínfimo pormenor (GRAUE e WALSH, 2003). Assim, durante o primeiro mês, foi realizada a entrada em campo visando à aproximação com as

crianças e à constituição do grupo de pesquisa com os(as) participantes. Nos meses subsequentes, após a obtenção dos termos de consentimento e assentimento, foram iniciados os Ateliês Narrativos.

O planejamento do percurso investigativo considerou o contexto e as especificidades da faixa etária dos(as) participantes. Sob tal ótica, utilizamos diferentes procedimentos para a geração dos dados, posto que a investigação interpretativa emerge das interações colaborativas entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. Se um desses elementos for alternado, seja interlocutores, tema ou contexto, altera-se o próprio sentido da pesquisa (PEREIRA, 2012). Dessa maneira, exploramos estratégias e instrumentos não convencionais, visto que há diversidade de infâncias e “uma heterogeneidade de possibilidades metodológicas na investigação com crianças” (FERNANDES, 2016, p. 763). Esclarecemos que as pesquisas desenvolvidas com (e sobre) crianças não deve contemplar a realização de entrevista, de grupo focal ou a aplicação de questionário, procedimentos comumente explorados em investigações com adultos. Conforme exposto nas seções anteriores, é imprescindível considerarmos as especificidades da faixa etária e modos de visibilizar as múltiplas linguagens das crianças.

Clark (2017) argumenta que os métodos participativos favorecem o processo de produção do conhecimento, em oposição à simples “coleta” de dados. Para a referida autora, a pesquisa com crianças em uma abordagem multimetodológica propicia a coconstrução de significados, ao mesmo tempo que reconhece as distintas vozes e as múltiplas linguagens dos(as) participantes do estudo. Oportunizar modos de expressão das crianças a partir de várias estratégias, como desenhos, pinturas, falas, brincadeiras, dramatizações, fotografias, filmagens, recolha de artefatos, entre outros, fornece uma ampla gama de perspectivas para a escuta dos pontos de vista das crianças (CLARK, 2017).

Nessa direção, metodologicamente realizamos uma investigação etnográfico-propositiva (HARTMANN, 2015) de abordagem multimetodológica (FERREIRA, 2004; CLARK, 2017), composta por estratégias variadas, como observação; diário de campo; registros audiovisuais; dinâmicas conversacionais; contação e reconto de histórias; exploração de adereços; atividades lúdico-expressivas; e recolha de artefatos. O mote disparador para a produção dos adereços foi a obra *Caixa de Contos: crie suas próprias histórias* da escritora e ilustradora francesa Anne Laval. Esse material é composto por 20 peças, totalizando 40 diferentes cenas, que podem ser combinadas de modo ilimitado, potencializando a produção das narrativas das crianças. Para as sessões dos ateliês, as peças foram ampliadas em acrílico e também foram confeccionados dedoches e bonecos de pano, bem como pedras ilustradas com as personagens e os elementos visualizados nas cenas. Cabe apontar ainda o uso de dobraduras, silhuetas (em papel), fantasias, tecidos e materiais não estruturados, dependendo da proposta de cada sessão e da obra literária a ser explorada.

Conforme referimos anteriormente, os Ateliês Narrativos foram organizados em três etapas, cada uma delas com um foco e uma intencionalidade diferentes. A etapa chamada de “Ateliês de Experimentação”, além de ambientar as crianças participantes com as dinâmicas a serem desenvolvidas no decorrer de cada sessão, teve o intuito de ampliar e constituir repertórios para a produção das narrativas, explorando brincadeiras, expressividade corporal, cantigas populares, parlendas, trava-línguas, contação e reconto de histórias.

A segunda etapa, denominada “Ateliês de Exploração”, como o próprio nome indica, teve o propósito de explorar as imagens da obra *Caixa de Contos* (LAVAL, 2017). Assim, para sensibilizar o olhar das crianças e provocar sua imaginação, em adição à exploração da obra, foram utilizados adereços e histórias que apresentavam intertextualidade com as imagens. A cada encontro, uma personagem principal desencadeou as propostas experienciadas na sessão. Foi oportunizada, ainda, uma diversidade de versões dos contos conhecidos, dando continuidade à ampliação de repertório linguístico e literário das crianças participantes.

A terceira etapa, nomeada “Ateliês de Produção de Narrativas Oraís”, almejou a criação das histórias pelas crianças a partir dos adereços produzidos com base na *Caixa de Contos*. A esse respeito, consideramos importante esclarecer que todas as sessões foram filmadas para análise dos dados gerados em campo.

Os Ateliês ocorriam duas vezes na semana, e cada sessão previa a realização de quatro ações: 1. propostas de expressão corporal, exercícios de aquecimento e brincadeiras introdutórias; 2. dinâmicas conversacionais, leitura e reconto de histórias; 3. propostas lúdico-expressivas, exploração dos adereços e produção de artefatos ou narrativas; 4. relaxamento e encerramento da sessão. As propostas dos Ateliês Narrativos funcionaram a partir de *proposições disparadoras* para a geração de dados da pesquisa. A intencionalidade esteve visível a cada encontro com as crianças; porém, foram propostas abertas e flexíveis para atender às contribuições das crianças. Afinal, uma investigação “com crianças pressupõe cruzar calmarias e tempestades, traçar cartografias que [envolvem] metas, mudanças de rotas, retomadas e novos caminhos e, isso, nós aprendemos com as crianças em nossas pesquisas” (DORNELLES e FERNANDES, 2015, p. 74).

Ressaltamos que tanto a preparação prévia do ambiente (com as almofadas, o centro de roda com o baú, as histórias, os adereços, as velas e as pedras colecionáveis) como a sequência de ações planejadas foram essenciais para a criação de pequenos rituais de abertura e fechamento de cada sessão com as crianças, instaurando uma atmosfera de encantamento, expectativa e curiosidade para os(as) participantes. Além disso, a regularidade das ações foi organizadora para as crianças, que já sabiam o que esperar e o que aconteceria em seguida.

Conforme referendado, o planejamento dos Ateliês se caracterizou por flexibilidade e dinamicidade, estando sempre aberto a possíveis alterações e mudanças de rota decorrentes das contribuições das próprias crianças. Graue e Walsh (2003, p. 127) corroboram a estratégia, afirmando que a geração de dados requer um plano e necessita ser sistemática, pois até mesmo “a improvisação é fundamentada, mas não inflexível”. Portanto, nem sempre as ações propositoras ocorreram conforme a sequência planejada; em algumas sessões, ela foi até mesmo suprimida ou substituída, respeitando o engajamento e as sugestões dos(as) participantes. Estar em campo *com* as crianças prevê que as rotas planejadas possam ser redesenhadas e flexibilizadas, valorizando e reconhecendo as contribuições dos(as) participantes.

Pontuamos que o mesmo cuidado que a pesquisadora teve ao entrar em campo e aproximar-se das crianças foi considerado no encerramento da pesquisa. Acreditamos que a saída do campo de pesquisa é um momento delicado, tendo em vista os vínculos e laços relacionais estabelecidos entre o adulto e as crianças. Assim, em meados do último mês de investigação, foi necessário introduzir o assunto na roda de conversa.

Para isso, foi apresentado às crianças o Projeto de Pesquisa impresso e explicado que, a partir do mês seguinte, a pesquisadora iria assistir novamente as filmagens, ouvir as narrativas produzidas por elas, para então escrever seu trabalho final. A tristeza pelo fim dos encontros ficou visível na expressão e no olhar das crianças. Elas folhearam o projeto, identificaram as fotos dos ambientes da escola, as obras literárias, os adereços explorados ao longo dos ateliês e o TALE. Nesse diálogo, acolhendo a sugestão das crianças, a pesquisadora decidiu organizar dois eventos de encerramento da pesquisa de campo: um envolvendo apenas os colegas da turma e a professora, e outro para os pais e gestores da instituição.

Destacamos a importância de envolver as crianças na discussão e organização dos eventos de encerramento. O planejamento dos dois momentos, a preparação do ambiente, a confecção dos convites, a escolha do cardápio, a elaboração do vídeo com algumas narrativas sugeridas por elas, as conversas e a apreciação do Projeto de Pesquisa impresso, foram cruciais para que, pouco a pouco, a despedida fosse se materializando.

Além disso, é imprescindível compartilhar os resultados da pesquisa tanto com o corpo docente da instituição quanto com as crianças e suas famílias, pois, conforme Paula (2012, p. 234), compartilhar com as crianças a autoridade na condução da pesquisa de campo, reconhecendo-as como protagonistas, requer também que pensemos “formas de reconhecê-las como possíveis interlocutoras/destinatárias da produção da pesquisa que fazemos junto a elas”. Desse modo, a devolução aos adultos e o retorno às crianças são etapas constitutivas do trabalho de pesquisa produzido com elas (MACEDO e FLORES, 2012).

Considerações finais

Com base nas reflexões compartilhadas, ressaltamos que, ao pesquisar, “estamos certamente, fazendo escolhas, a cada momento, desde quando elegemos os teóricos e as teorias que nos ‘acompanharão’ até quando lidamos com os ‘dados’” (MACEDO e FLORES, 2012, p. 241), porque as “considerações éticas nada mais são do que as ações, a partir das quais os pesquisadores aplicam os princípios morais na prática” (BARRETO, 2011, p. 643, tradução nossa). Nesse âmbito, cabe ainda destacar que as ferramentas participativas não são neutras, nem automaticamente éticas; todo o material gerado é interpretado.

Pereira (2012, p. 49-50) argumenta que pesquisar com crianças “é um desafio constante a quem pretende perscrutar o contemporâneo e buscar junto [delas] sentidos compartilhados para experiências nas quais se está imerso”. Portanto, é crucial ter clareza dos princípios e pressupostos teóricos, éticos e metodológicos que fundamentam as ações dos(as) pesquisadores(as) junto às crianças no decorrer da investigação. Ir ao encontro deste *outro* criança exige o estranhamento diante de uma realidade familiar (SANTOS, 2017) como a da escola, o comprometimento em escutar as crianças e um exercício constante de alteridade permeado pela reflexividade durante toda a investigação.

Desse modo, investigar e refletir com as crianças nos desafia a assumirmos uma posição “[...] de quem cria possibilidades de diálogo, de confronto entre dados, de análise de evidências, permitindo um espaço de negociação” (PAULA, 2012, p. 228) e de interlocução contínua com os participantes. Assim,

reiteramos que adentrar o contexto do grupo, aproximar-se das crianças, ouvir e conhecer seus modos de vida exigem uma escuta atenta e sensível, pois, como afirmam Dornelles e Fernandes (2015, p. 74), “só poderemos capturar o mundo a partir da perspectiva das crianças, se essas nos explicarem, se dispuserem a nos mostrar como veem esse mundo”.

Nessa ótica, para Macedo e Flores (2012, p. 241), é importante concebermos “as crianças como sujeitos de seu tempo, como unidades singulares viventes e conscientes de suas vidas, como pessoas inseridas num contexto sócio-histórico, que tem capacidade de expressão e reflexão sobre si e seu entorno”. Como pode ser percebido, nossa pesquisa constituiu-se em uma “atividade de encontro com o outro [criança] com o objetivo de desvelar aspectos sobre ele, sobre seu entorno e por isso mesmo também sobre nós mesmos e nosso entorno” (MACEDO e FLORES, 2012, p. 242).

Ademais, a pesquisa possibilitou-nos considerar as crianças como participantes, coautores, atores e protagonistas do percurso investigativo. Afinal, “toda investigação está determinada pela concepção que o adulto pesquisador tem da criança como indivíduo e da infância” (BARRETO, 2011, p. 637, tradução nossa). Tal premissa indefectivelmente baseou nossa investigação.

Portanto, “pesquisar com crianças se constitui de um complexo de etapas e desafios, não se resume em apenas colher dados e analisá-los, utilizando-se de metodologias e estratégias, como observações, desenhos, oficinas e relatos orais” (PAULA, 2012, p. 226). Sem dúvida, as relações, as reações, os afetos, os vínculos, as imprevisibilidades, o choro, a empolgação, o ciúme, a alegria, enfim, as múltiplas experiências vivenciadas em nossa pesquisa com as crianças durante todo o processo tornaram único e singular o percurso investigativo.

Referências

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, maio/ago. 2005.

ALDERSON, Priscilla. Designing ethical research with children. In: FARREL, Ann. **Ethical research with children**. London: Open University Press, 2007, p. 27-36.

ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de. **A narrativa oral literária na Educação Infantil**: quem conta um conto aumenta um ponto. Recife: Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 235-245, jan./jun. 2014.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; DELGADO, Ana Cristina Coll; TOMÁS, Catarina Almeida. Estudos da Infância, Estudos da Criança: Quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos? **Revista Inter Ação**, v. 41, n. 1, p. 103–122, 2016.

BARRETO, Maribel. Consideraciones ético-metodológicas para la investigación en educación inicial. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 2, n. 9, p. 635-648, 2011.

CAMPOS, Karin Cozer de; GIRARDELLO, Gilka. A roda, a criança e a história: composições da autoria infantil. **Boitatá**, Londrina, n. 20, p. 89-101, jul./dez. 2015.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança?: a participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 35-42.

CARDOSO, Beatriz. Mediação literária na Educação Infantil. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Orgs.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014, p. 211-212.

CLARK, Alison. **Listening to young children: a guide to understanding and using the mosaic approach**. London; Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2017.

CLARK, Alison. **Transforming children's spaces: children's and adults' participation in designing learning environments**. New York: Routledge, 2010.

DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natalia. Estudos da Criança e Pesquisa com Crianças: nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos. **Currículo sem Fronteiras**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2015.

FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p. 759-779, jul./set. 2016.

FERNANDES, Natália; MARCHI, Rita de Cássia. A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, e25004, p. 1-16, 2020.

FERREIRA, Manuela. “– Ela é nossa prisioneira!”: questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 151-182, jul./dez. 2010.

FERREIRA, Thaís. Problematizando uma estratégia multimetodológica de pesquisa em teatro e educação. **Olhar do professor**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 43-66, 2004.

GRAUE, Elizabeth M.; WALSH, Daniel J. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

HARTMANN, Luciana. Equilibristas, viajantes, princesas e poetas: performances orais e escritas de crianças narradoras. **Boitatá**, Londrina, v. 20, p. 48-67, jul./dez. 2015.

LAVAL, Anne. **Caixa de contos**: crie suas próprias histórias. São Paulo: V&R, 2017.

MACEDO, Nélia Maria Rezende; FLORES, Renata Lucia Baptista. O retorno às crianças como etapa da pesquisa feita *com* elas: caminhos e desafios. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012, p. 237-257.

MACHADO, Sandro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Notas de campo: percursos éticos e metodológicos em uma pesquisa com crianças na Educação Infantil. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 28, p.159-175, dez. 2020.

MENEZES, Luciana Bessa Diniz de. Pesquisar com crianças pequenas: desafios do trabalho de campo. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012, p. 181-201.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n.º 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 18.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, out. 1996. Seção 1, p. 21.082-21.085.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1, p. 44-46.

PAULA, Maria Esperança. O processo e o produto da pesquisa: a negociação do texto da pesquisa com as crianças. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Org.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012, p. 223-235.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Pesquisa *com* crianças. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Org.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012, p. 59-86.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Um pequeno mundo próprio inserido num mundo maior. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Org.). **Infância em pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012, p. 25-57.

ROSA, Ivana Marins da; FERREIRA, Manuela. Ganhar acesso numa etnografia com crianças em espaços públicos abertos: dilemas de confiabilidade em tempos de risco. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 21, n. 40, p. 249-275, set./dez. 2019.

RIO GRANDE DO SUL (RS). Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. União dos Dirigentes Municipais de Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, 2018.

ROSKOS, Kathleen; CHRISTIE, James. **Play and literacy in early childhood: research from multiple perspectives**. New York: Routledge, 2009.

SALGADO, Marta Morgade; MÜLLER, Fernanda. A participação das crianças nos estudos da infância e as possibilidades da etnografia sensorial. **Currículo sem Fronteiras**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2015.

SANTOS, Luciano. Da competência no fazer à responsabilização no agir: ética e pesquisa em Ciências Humanas. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 244-256, jan./abr. 2017.

SAWYER, Keith. Improvisation and narrative. In: FAULKNER, Dorothy; COATES, Elizabeth (Orgs.). **Exploring children's creative narratives**. New York: Routledge, 2011, p. 11- 38.

SMITH, Vivian Hamann. **A construção do sujeito narrador: linguagem, organização do pensamento discursivo e a imaginação**. Porto Alegre: Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SOUZA, Emilene Leite. **Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância**. Florianópolis: Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

SOUZA, Nilo Carlos Pereira de. As narrativas orais e a formação do leitor. **Boitatá**, Londrina, n. 20, p. 286-300, jul./dez. 2015.

TEBALDI, Lisiane Rossatto. **“Ei, olha a história que a gente tá fazendo!”: as crianças e suas performances na produção de narrativas orais na pré-escola**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

TEBALDI, Lisiane Rossatto; COSTA, Vanessa Rosa da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Pesquisas com Crianças na Educação Infantil: aspectos éticos e metodológicos nas investigações sobre letramento e identidade étnica-racial. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 4, p. 1-15, set. 2019.

UNITED NATIONS (UN). Committee on the Rights of the Child (CRC). **General comment No. 12: the right of the child to be heard**. Geneva: UN, 20 July 2009.

VASCONCELOS, Teresa Maria. **Aonde pensas tu que vais?: investigação etnográfica e estudos de caso**. Portugal: Porto, 2016.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. **A imaginação na produção narrativa de crianças: contando, recontando e imaginando histórias**. Brasília: Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade de Brasília, 2015.

WAJSKOP, Gisela. Linguagem oral e brincadeira letrada nas creches. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1355-1374, out./dez. 2017.

Submetido: 13/09/2021

Aceito: 10/03/2022